

Cultura Crítica

revista cultural da apropuc-sp nº 2 - 2º semestre de 2005

Música Brasileira

Ensaaios

TRABALHO E MÚSICA  ESTÉTICA
DE RESISTÊNCIA  VITOR MARTINS
ANTÔNIO MARIA  NOITE ILUSTRADA  CANNON
ERNESTO NAZARETH  LUIZ GONZAGA  MÚSICA E
PROPAGANDA  MÚSICA E IDENTIDADE

APRESENTAÇÃO

A decisão de publicarmos uma revista com o objetivo de divulgar a cultura crítica foi temerária, num momento em que o exercício da crítica se encontra diluído. Principalmente nas universidades, desvinculadas da produção social e amplamente mercantilizadas, “a arma da crítica e a crítica das armas” comparecem como um fundamento alheio ao conhecimento.

Há uma mentalidade generalizada de que venceu a cultura do mercado. Sem o menor constrangimento, pratica-se o mercado da cultura. É claro que nem sempre se admite tal pressuposto.

Elaboramos o primeiro número da revista Cultura Crítica. Expusemos trabalhos de poetas que viveram momentos de grandes confrontos sociais – guerra, opressão, desintegração, ações coletivas, transformações. Agora, estamos com o segundo número. Aceitamos o desafio de tratar o tema da música brasileira.

Adentramos em um terreno sensível. Trata-se de uma manifestação que exacerba o universo emocional e subjetivo próprio das artes. Nem por isso a linguagem da música deixa de ser parte do choque entre consciência e alienação.

O ritmo, a canção e a poesia nasceram com o trabalho. Desde suas formas mais primitivas, intimamente ligadas aos movimentos da natureza e aos movimentos físicos do homem coletivo, a música humanizou a espécie. É parte das transformações históricas a separação da música dos movimentos físicos do homem – do trabalho. A descoberta da beleza e do prazer pela prática musical permitiram construir ouvidos sensíveis às variações rítmicas e à poesia como uma forma da música.

Premido pela necessidade de existência, o homem coletivo foi obrigado a imitar primitivamente os sons da natureza; a partir de então, pôde criar livremente a música. Por mais que tenha deixado de ser uma forma espontânea de criação coletiva e se separado dos condicionamentos diretos do trabalho, a música não deixou de ser expressão social.

Em nosso tempo, vemos como a música tem raízes de classe e como está amplamente influenciada pela máquina comercial. Uma linguagem universal, com profundas diferenças sociais.

Esperamos que este número da revista da Apropuc contribua para melhorar nosso compromisso com a crítica.

Erson Martins de Oliveira

IMAGENS MUSICAIS

As fotos produzidas pela câmera de Marco Aurélio Olímpio são, antes de tudo, feitas para serem ouvidas.

Só quem conhece (e ama) profundamente a música popular brasileira se apercebe do momento exato em que a genialidade dos versos de um Paulo César Pinheiro aflora (o momento incerto em que a solidão fez seu bem sobre os acordes de Eduardo Gudín), ou ainda a hora em que um maestro tão querido como Laércio de Freitas quase entra em êxtase, tamanha a sua identificação com a canção executada.

Ver as fotos do Marcão é estar imerso naquele instante mágico descrito por Paulinho da Viola: “uma pausa de mil compassos”, lapso de tempo tão breve, mas que reúne em si toda a memória musical de um povo, plasmada naquele pedaço de papel ou na tela de um computador.

Creio não ter competência para julgar tecnicamente o trabalho de Marco Aurélio. Acredito que suas inúmeras premiações e constantes exposições digam-no por si só. O que me toca em seu trabalho (como diria o velho e bom Roland Barthes) é a historicidade que perpassa cada imagem, tornando-nos (mesmo sem tê-lo vivido) cúmplices de tempos imemoriais, dos saraus da Tia Ciata, dos choros de Callado e Ernesto Nazaré, tempos que são feitos da mesma essência de nossas rodas de samba e das agitadas sessões de hip-hop, que passam despidamente pelas lentes de nosso fotógrafo.

Enfim, pra quem ainda não percebeu, a câmera do Marcão é um instrumento musical.



Valdir Mengardo



NA PARTE SUPERIOR, DONA IVONE LARA, CHICO BUARQUE E JOÃO NOGUEIRA. ABAIXO, O MAESTRO LAÉRCIO DE FREITAS, ARRIGO BARNABÉ, PAULINHO DA VIOLA E PAULO CESAR PINHEIRO

A revista Cultura Crítica é uma publicação semestral editada pela Apropuc, com tiragem de 2 mil exemplares.

APROPUC-SP - Rua Monte Alegre, 984
 Sala p-70 - CEP. 05014-001
 Fones: 3872-2685 • 3865-4914 • 3670-8209
 apropuc@uol.com.br • www.apropucsp.org.br

DIRETORIA DA APROPUC

PRESIDENTE

Priscilla Cornalbas

VICE-PRESIDENTE

Hamilton Octavio de Souza

1º SECRETÁRIO

Erson Martins de Oliveira

2º SECRETÁRIO

Graciela Deri de Codina

1º TESOUREIRO

Luiz Carlos de Campos

2ª TESOUREIRA

Victória Claire Weischtordt

SUPLENTES

Carlos Alberto Shimote Martins,
 Maria Beatriz Costa Abramides,
 Nicola Centrone,
 Sandra Gagliardi Sanchez e
 Vera Lúcia Vieira

EDITOR GERAL

Erson Martins de Oliveira

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Alberto Shimote
 Erson Martins de Oliveira
 Victória Claire Weischtordt

EDITORES

Ricardo Melani (MTPS 26.740)
 Valdir Mengardo

PREPARAÇÃO E REVISÃO

Vera Regina Alves Maselli

PROJETO GRÁFICO

Mauro Teles

ILUSTRAÇÕES

Ana Aly

CRIAÇÃO DE CAPA

Ricardo Melani

SUMÁRIO

“Ninguém me ama, ninguém me quer”: roteiro boêmio de Antonio Maria Maria Izilda Santos de Matos	6
Luiz Gonzaga: referencial da Música Popular Brasileira..... José Farias dos Santos	16
Linha evolutiva da música popular brasileira: da canção ao jingle..... Walter Garcia	26
O dia em que virei Noite Ilustrada Valdir Mengardo	40
Música popular, tradição e política Eduardo Granja Coutinho	46
Estética de resistência: revisitando “Arena conta Zumbi” Laura de Paula Rago	62
O trabalho e a arte da música..... Arnaldo José França Mazzei Nogueira	78
Produção musical em São Paulo. O violão de Américo Jacomino, o Canhoto Sérgio Estephan	86
“O futurista” de Ernesto Nazareth: imitação burlesca ou expressivo esforço modernista dentro de uma modernidade paradoxal?..... Henri de Carvalho	92
Sobre animais, cristais e florais Talitha Ferraz de Souza	110
Música e identidade Urbano Nobre Nojosa	120
Vitor Martins: uma história de música brasileira Edwin Ricardo Pitre-Vásquez	132
Melodia (poema) Marília da Silva Pardini	144

“Ninguém me ama, ninguém me quer”:


roteiro boêmio de Antonio Maria

Maria Izilda Santos de Matos
Profa. Dra. da PUC-SP



Apesar de todas as transformações ocorridas na produção das Ciências Humanas, pouca atenção vem sendo dada às experiências boêmias e à cidade à noite. A noite ainda é território oculto nas penumbras, e só recentemente é que pesquisadores vêm se debruçando sobre esse tema.

O foco privilegiado das investigações recai sobre as atividades diurnas, com abordagens que priorizam o mundo do trabalho, e ainda são poucas as pesquisas que focalizam as experiências boêmias. Estas acabam por interpretá-las como rejeição ao mundo do trabalho e à disciplina. O “ser boêmio” é múltiplo, mas na presente investigação significa viver diferentemente, estabelecer regras de modo distinto, ter



Ninguém
me chama
Ninguém
me chama
Ninguém
me chama
De meu
amor

uma vida que escape à monotonia e ao previsível, respeitando, contudo, certos códigos de conduta estabelecidos nesse universo.

No contrafluxo dessa tendência, trago o desafio de rastrear a trajetória de vida e a produção (composições e crônicas) de Antonio Maria, priorizando os circuitos e as experiências boêmias em Copacabana, mais diretamente centradas nos anos dourados.

Copacabana: a Princesinha do mar

Nos anos 50, Copacabana era o centro da vida da então Capital Federal, e o samba-canção tinha como moldura esse Rio de Janeiro de Copacabana, o bairro “quente” da noite carioca.

Na calçada preta-e-branca da praia, um vai-e-vem de príncipes, ladrões, banqueiros, pederastas, estrangeiros que puxam cachorros, mulheres de vida fácil ou difícil, vendedores de pipocas, milionários, cocainômanos, diplomatas, lésbicas, bancários, poeta, políticos, assassinos e *bookmakers*. Passam estômagos vazios e outros empanurrados, em lenta digestão.

Copacabana era um território com suas imagens e sons, carregando representações fragmentárias, suporte de memó-



rias diferentes, contrastadas, múltiplas, presentes nas pedras e luzes da cidade. Aparecia como monumento o luxuoso Copacabana Palace - que ainda se mantém vivo, memória desses anos de ouro de Copacabana -, tendo como pano de fundo a praia, signo de beleza que caracteriza a cidade tanto no âmbito do país como no exterior.

Assim, esse efervescente espaço rapidamente se distinguiu da Copacabana de vinte anos atrás, um areal procurado pelos que defendiam os milagres curativos do banho de mar. O processo acelerado de transformação relaciona-se à própria ocupação urbana, primeiramente vinculada a uma elite e, posteriormente, a uma expansão de imóveis mais acessíveis, quitinetes baratas, atraindo para a Zona Sul outros setores sociais.

Enquanto certos habitantes de Copacabana dormiam, em algumas ruas, nos bares, restaurantes, nas boates, em salas pouco iluminadas e enfumaçadas,

as tensões urbanas emergiam, vivenciadas de forma fragmentada e diversificadas por seus freqüentadores, fazendo desse território lugar para trabalhar, se divertir, viver as aventuras e desventuras da noite.

Durante a administração de Henrique Dodsworth (1937-1945) na prefeitura do Rio de Janeiro, intervenções urbanas atingiram a área da boêmia, particularmente na Lapa, colocando abaixo centenas de edifícios, abrindo parques e avenidas e ao mesmo tempo fechando os prostíbulos no Mangue (1942) e reprimindo a boêmia malandra da Praça Onze. Em nome dos bons costumes, o coronel Etchegoyen determinava que fossem presos malandros, prostitutas, boêmios e gigolôs. Esse ambiente repressivo afastou intelectuais e freqüentadores da vida noturna da Lapa e do Centro. Em 1946, o presidente Dutra fechou os cassinos (seguindo os conselhos da então primeira-dama, D. Santinha, de

